



Nuno Costa Santos

Crónicas do Corpo Santo

Tal Disparate e Outras Histórias

Dois livros em cima da mesa: “Alcunhas da Ilha do Faial”, de Lúcia de Mello Serpa, e “Tal Disparate de Glossário – Termos e Expressões Populares da Ilha Terceira”, de Ana Rita Martins de Carvalho. Folheio-os em busca de epítetos, termos e expressões próprios de duas das ilhas açorianas. Começo pelo livro de Ana Rita (edição Letras Lavadas), que, sendo lisboeta, é mãe de um terceirense de dois anos, a quem dedica este dicionário. Veio viver para a Terceira por causa desse sentimento cada vez mais raro. Como é que se chama? Amor. É isso.

Alinhemos algum palavreado, até para amparar turistas e curiosos. Uma leitura basta. Há vasto verbo comum entre as ilhas, embora isso não seja assinalado. Um dos motivos é o facto de ter vindo nos barcos dos mesmos territórios continentais, aqui sendo conservado ou moldado pelos sotaques. Em São Miguel também se ouve “abouiar” (atirar), “alvarozes” (jardineiras), “arressaca” (aquilo que se tem visto muito no parlamento açoriano), “atoleimado” (sim, praga crescente em todo o mundo), “discreto” (inteligente, ponderado; outra raridade, diga-se), gama (pastilha elástica), “gueixas” (vite-las), “macaquinhos” (desenhos animados), “nica” (um pouco, pedaço pequeno), “pana” (alguidar), “suera” (camisola) ou “urbana” (autocarro).

Só na Terceira conheci, e aqui fica registado neste simpático compêndio, a palavra “aborrecido” (como doente), “incómodo” (como menstruação), “enriçar” (no sentido de atrapalhar ou zangar), “veleiro” (como pé leve ou bom dançarino) e “isca” (como pancada).

Nas expressões também existem rimas. Como em “não ter tarelo” (não ter jeito; sem sentido), “pega direito” (desaparece) ou “tás co olho” (para onde estás a olhar). Ou, em acrescento do escriba: deixa de olhar senão levas um arrejeito.

Há outras que só ouço na ilha onde agora vivo. Além da clássica “ué pá!” (cumprimento do género então homem?), “antes cagar um pé todo” (nem pensar; tudo menos isso), “uma pisca” (um pouco de) e “fraco das canelas” (mulherengo), há pouco tempo atribuído, numa conversa, com certa graça, a um antigo intelectual da praça terceirense.

Uma das mais ouvidas é a que começa com “tal”. Apresenta-se neste glossário o “tal disparate” e o “tal coisa de feia”. Mas sempre que existe um espanto para algo que se considera ou dispartado ou, digamos, de generosa dimensão ou ainda “um espectáculo!” planta-se um “tal” nos inícios do comentário. Tal disparate, digo eu também, já agora, esta tola rivalidade entre as ilhas, ainda cultivada por alguns comandantes ocasionais. Tal vaidadezinha bacoca.

O livro de Lúcia de Mello Serpa. Conheci-a na Horta tempos depois de ter feito amizade com o seu marido, Sérgio (Paixão), continental há muito a viver na cidade.

Aconteceu numa altura em que fazia uma pesquisa sobre uma já mencionada biografia de Jacques Brel, com breve mas importante atracagem faialense. O Sérgio sabia de tudo o que se relacionava com o belga que, após o abandono precoce dos palcos, resolveu seguir de barco em busca da “estrela inacessível”, nomeada no espectáculo “L’Homme de la Mancha”, sobre Dom Quixote. Partilhou conosco a história e, no fim do espectáculo no Teatro Faialense, o mais marcante de todos, agradecemos a generosidade da sua partilha.

A peça chamava-se “Brel nos Açores”. Mais tarde recebi na designação uma das frases mais repetidas pelo autor de “Quand on a Que L’Amour”: “É preciso Ir Ver”. Lembro-me de o Sérgio comentar comigo que preferia que tivéssemos escolhido “Brel na Horta”. Com o tempo, o continental tornou-se mais ferrenho da sua ilha do que muitos nativos. Fenómeno recorrente no arquipélago.

Uma temporada depois do trabalho da peça, Sérgio Paixão adoeceu com a mesma doença, o cancro, que matou o seu idolo. Certo dia, depois de vários telefonemas com o meu (novo) amigo, recebi uma chamada. O nome dele piscava no ecrã. Atendi e gritei, exultante: “Sérgio!” Do outro lado, a mulher que ele tanto amava disse-me, no seu modo meigo: “O Sérgio morreu, Nuno”.

O título do trabalho assinado pela Lúcia e iniciado pelo seu companheiro de mais de 40 anos traz um subtítulo bem divertido, no qual muitos açoria-

nos se podem reconhecer: “Quando o nome do BI não é o que mais vale na freguesia”. Há um criativo no açoriano, capaz de baptizar algumas vezes com bonomia, outras com inequívoca maldade muitas das gentes locais.

Nos Açores, como em tantas outras partes, muitas vezes são os pais a carimbar a vida dos filhos com uma alcunha da qual nunca se conseguem livrar. Alguém que foi chamado de Urtiga desde a infância doméstica, mesmo que receba o Nobel da Física, terá sempre alguém no público a gritar para o palco: “Ó Urtiga, vais levar uma calufa!” Barack Obama, se circular um dia numa freguesia açoriana, será chamado “orelhas”. E Einstein, se ainda estivesse vivo, “gadelha”. Por cá, uma alcunha vale mais do que qualquer estatuto.

Lúcia, que cresceu numa pequena comunidade no extremo Sul da freguesia das Angústias, chamada O Fim do Pasteleiro (nome herdado de um flamengo, Pedro, que se dedicou ao cultivo do pastel), assume só se lembrar dos antigos vizinhos pelas alcunhas. Inventemos: o respeitável Senhor Armindo da Conceição Barros não é lembrado dessa forma mas sim como Barril. Na altura não havia dietas Easy Slim. A Dona Lucília será sempre a Peneda. Também não havia plásticas.

Cada freguesia, conta-se no livro, tinha e mantém as suas “designações” - da Freguesia de Castelo Branco à Freguesia do Capelo (onde havia, claro, o Emigrante), passando, entre outras, pela Freguesia da Praia do Norte, pela Freguesia da Praia do Almojarife e pela Freguesia dos Flamengos. Existem também alcunhas associadas a profissões, origens dos ofícios, posições sociais, comidas, meteorologia (não podia deixar de ser).

Óbvio. Um dos critérios decisivos era - e continua a ser - o físico. O manco era conhecido como Mola Partida e o incontinente como Mija na Garrafinha. Havia também o Persiana Descaida, o Ranheta, o Caganita, o Sete Blicas, o Carlos Marreco, o Lâmpada Fundida, o Coça no Cú, a Árvore de Natal Sem Brinquedos (cidadã esquia e sem peito). E o Pai Tem Piolhos. Trágica herança. Mais valia não a ter recebido.

Autarca da Horta quer mais investimentos estruturantes para o Faial

O Presidente da Câmara Municipal da Horta, José Leonardo Silva, foi recebido, em audiência, na tarde de Terça-feira, pelo Presidente do Governo Regional dos Açores, José Manuel Bolieiro. Em cima da mesa esteve um conjunto de investimentos considerados estruturantes para o desenvolvimento da ilha do Faial.

“Foram vários os assuntos que coloquei ao senhor Presidente do Governo, entre os quais a construção da Nova Frente Mar na cidade da Horta, porque havia um compromisso com o Governo anterior para isso mesmo. O senhor Presidente mostrou-se sensível e com grande vontade de resolver essa questão e de realizarmos parcerias no futuro”, referiu

o autarca, no final do encontro, em declarações aos jornalistas.

Entre os vários temas foi igualmente discutido o futuro das obras no porto da Horta, por tratar-se “de uma obra fundamental para o desenvolvimento do Faial e dos Açores”, defendeu José Leonardo Silva. “Achamos que, depois dos estudos que estão a ser levados a cabo pelo LNEC, ou outros, e havendo a certeza que não está posta em causa nenhuma das situações que a Câmara Municipal e a Comissão Municipal para os Assuntos do Mar evidenciaram, não devemos perder mais tempo e avançar com a obra. Devemos ter um timing para que sejam tomadas as decisões e avançar, para que uma obra fundamental para

o Faial não fique parada e perdida no tempo”, acrescentou. O aeroporto da Horta e o futuro da gateway também esteve em discussão. No entender de José Leonardo Silva, “as notícias que ouvimos sobre as gateways não são positivas para a ilha do Faial e para o futuro dos investimentos que estão a ser projectados para a nossa ilha, como é o caso de dois hotéis. Queremos investimentos nestas rotas, mais turismo e mais gente para o Faial, no seguimento do trabalho que desenvolvemos, nomeadamente o estudo prévio para o aumento da pista”.

Também a segunda fase da variante à cidade da Horta esteve em análise. Mais uma vez o Presidente da Câmara da Horta frisou a importância deste in-

vestimento para o Faial e recorda que a parceria com os bombeiros levou à instalação do Quartel em terreno municipal, na Zona Industrial, num investimento que, conjugado com as obras da frente mar e com a colocação da construção da Variante no leque de investimentos do Plano de Recuperação e Resiliência do Governo da República, “justifica avançarmos para a segunda fase da variante”.

Por seu turno, o Presidente do Governo Regional, José Manuel Bolieiro, afirmou aos jornalistas que esta reunião foi encarada como “uma agenda de oportunidades” e disse que “os compromissos anteriormente assumidos terão continuidade”.